

Hirata, M. Y.¹; Netto, P. H. M.¹; Oliveira, P. P. T.¹; Pfundstein, S. D.¹; Zuccoli, G.¹; Vieira, E. A.^{1,2}

¹Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biologia, UNICAMP.

²Departamento de Biologia Animal, IB, UNICAMP CP 6109, CEP 13083-970, Campinas, SP, Brasil.

E-mail para contato: edinhovieira05@gmail.com; pedrotrevis@gmail.com

INTRODUÇÃO

As diferentes linhas de maré e seus alcances máximos na praia determinam três regiões distintas: o infra-litoral, sempre inundada e raramente exposta; o meso-litoral, região entre-marés; e supra-litoral, raramente coberto pela água. Cada uma dessas regiões apresenta diferentes graus de compactação e disponibilidade de nutrientes. Estes fatores influenciam na distribuição espacial de seres que lá vivem.

O decápode *Ocypode quadrata*, popularmente conhecido como “maria-farinha”, habita ambientes como este, alimentando-se de detritos trazidos pelo mar, cavando tocas de diferentes diâmetros, correspondentes a indivíduos de diferentes idades, ao longo da faixa de areia.



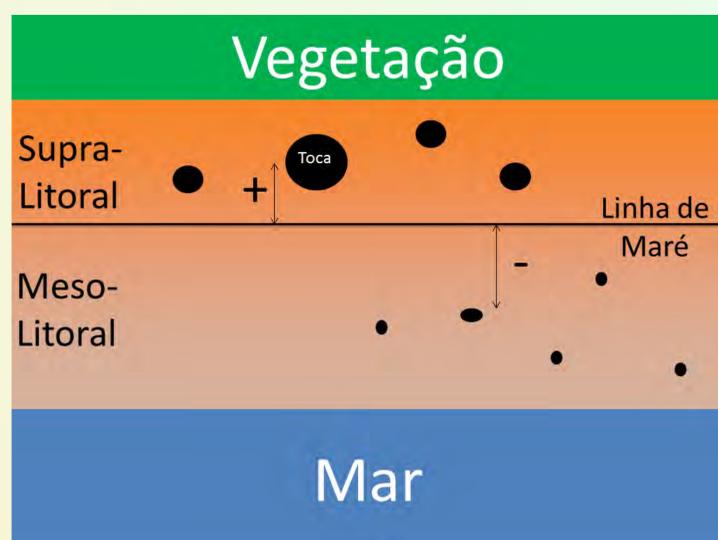
Ocypode quadrata

Com isso, nosso objetivo foi verificar se existe relação entre o diâmetro da toca e a sua distância em relação ao mar, esperando que indivíduos mais jovens (tocas de diâmetros menores) estão mais próximos ao mar, devido à necessidade de ambientes mais úmidos, e indivíduos adultos, mais resistentes à dessecação, tendem a fazer tocas mais próximas à restinga, devido à maior disponibilidade de detritos.

MATERIAL E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDOS – A coleta de dados foi feita na Praia Brava de Ubatuba (23.509494 S 45.1734210 W), praia reflexiva, o que facilita a ocorrência de *Ocypode quadrata*, devido ao sedimento grosseiro e pouco compactado.

COLETA DE DADOS – Medimos a distância da toca em relação à linha de maré, e seu diâmetro correspondente com um paquímetro.



Esquema da obtenção de dados

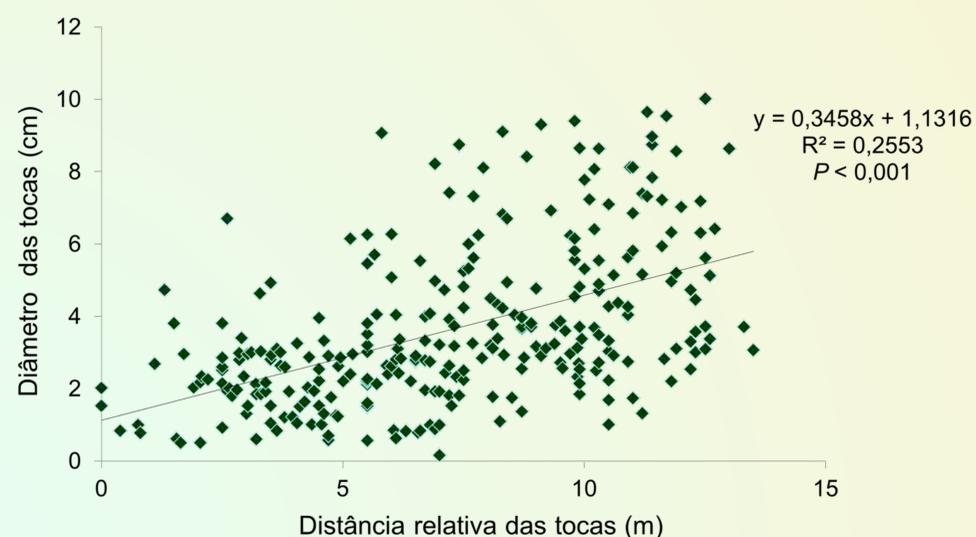
Para tocas abaixo da linha da maré atribuímos valores negativos, e acima da linha, valores positivos, a fim de relativizar as distâncias. Posteriormente, a toca mais distante da linha da maré e mais próxima do mar foi dada como ponto zero. A área total coberta foi de aproximadamente 2000 m².

ANÁLISE DE DADOS – Os dados de distâncias relativas foram correlacionadas com e diâmetros por uma regressão linear simples e os diâmetros médios foram comparados através de um teste Mann-Whitney.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

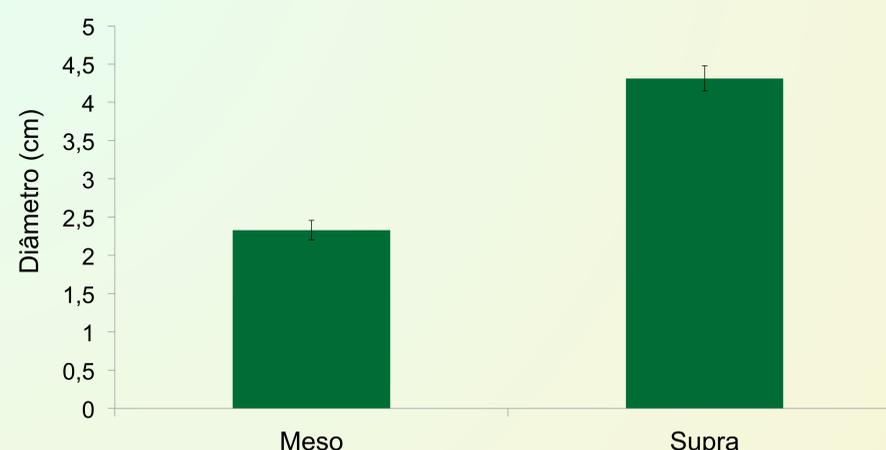
Dentre as 287 tocas encontradas, verificamos que quanto maior a distância, maiores as tocas, conforme linha de tendência indicando influência de aproximadamente 25% da distância no diâmetro.

Relação entre Diâmetros e Distâncias Relativas das Tocas



Adicionalmente, observamos que o diâmetro médio das tocas de supra-litoral é significativamente maior que aquele das tocas em meso-litoral ($U = 4200$; $p < 0,001$).

Diâmetros das Tocas em Meso e Supra-Litoral



A hipótese foi confirmada, indicando relação entre a distância relativa ao mar e o diâmetro das tocas, o que pode ocorrer devido à necessidade de evitar desidratação. Desse modo, os mais jovens, que são mais susceptíveis à desidratação, tendem a fazer tocas na região de meso-litoral – fato evidenciado pelo diâmetro das tocas –, e alimentam-se de detritos trazidos pelo mar. Conforme os indivíduos crescem e desenvolvem, buscam detritos mais próximos à restinga, pois necessitam de mais energia, e fazem suas tocas (de maior diâmetro) na região do supra-litoral.

Há a ressalva de que a relação, mesmo existindo e confirmando a hipótese, não foi alta. Provavelmente há indivíduos em transição da fase jovem para a fase adulta, e estes fazem tocas de diâmetros variados em ambas as regiões.

AGRADECIMENTOS

• Ao Instituto de Biologia, professores e orientadores.